

Compilado em abril de 2024

Índice:

Acácio Martins Velho

Adolfo Batista Ramires

Albuquerque Rocha

Alfredo Mota

Amélia Cardia

Amílcar de Sousa

António Castanheira de Moura

António Joaquim Freire

António Lobo Vilela

Artur Dias Pratas

Cabral Quadros

Casimiro Duarte

Dá Mesquita Paul

Eduardo Matos

Faure da Rosa

Fernando de Lacerda

Firmino de Assunção Teixeira

Gilberto Marques

Hugo Rocha

João Meira

José de Barros e Sousa

José Fernandes Pereira

José Francisco Cabrita

Júlio Barata Feio (Feio)

Laurentino Simões

Manoel Cavaco

Maria O'Neill

Maria Veleda

Pedro Sousa

Sousa Couto

Viriato Passaláqua

Sabe quem foi o Dr. Afonso Acácio Martins Velho?

Advogado e escritor, esteve por cá entre 1848 e 1929.

Foi um dos mais denodados e prestigiados pioneiros e precursores do Espiritismo, em Portugal, nesses tempos heroicos em que os seus melhores adeptos eram apodados de loucos ou visionários, tendo participado durante bastante tempo das reuniões mediúnicas promovidas pelo médium Fernando de Lacerda, e outras em que se encontravam presentes Madalena Frondini Lacombe e o Dr. José Alberto de Sousa Couto.

Nas suas deslocações a Paris, relacionava-se com o coronel Albert de Rochas e frequentava, ainda, o mesmo grupo mediúnico em que era notório o nome do escritor e diplomata português, Eça de Queiroz.

Nascido na Sertã em 1848, formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo exercido advocacia em Tomar, Elvas e Lisboa com a maior honestidade e brilho, como era próprio do seu lídimo caráter e da sua rara inteligência.

Investigador sagaz, aliando a uma técnica experimental impecável, uma invulgar erudição, conhecia admiravelmente os segredos práticos da aplicação do magnetismo ao estudo e observação dos fenómenos complexos do espiritismo.

Colaborou, de 1905 a 1909, na revista "Estudos Psíquicos" (1.ª fase) de José Alberto de Sousa Couto, e na "Revista de Espiritismo" da Federação Espírita Portuguesa (FEP).

Apesar de já se encontrar doente, foi indigitado para 1.º Presidente da FEP pelo Dr. António Joaquim Freire, mas pouco tempo ocupou o cargo, pois desencarnou em 21 de janeiro de 1929.

Livros da sua autoria: "O Espiritismo Contemporâneo"; "As Potências Ocultas do Homem"; "Manual de Magnetismo"; "Contos Maravilhosos" (1929) - contos e narrativas espíritas; etc.

Informações adaptadas de: VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Livro - <https://livrariafep.pt/.../paginas-do-passado-v-viii.../>

Sabe quem foi Batista Ramires?

Adolfo Batista Ramires terá nascido por volta de 1872.

Professor do Instituto de Agronomia, regeu a cadeira de Microbiologia.

Cientista na verdadeira acepção da palavra, participou em vários congressos para o progresso das ciências biológicas. Sócio da Academia das Ciências e de Institutos estrangeiros, manteve estreita ligação com investigadores, como Lakowsky, que lhe referiu o nome em algumas das suas obras, considerando-o um verdadeiro mestre.

Espírita fervoroso, a sua convicção era inabalável, não ocultando as suas ideias onde fosse preciso manifestá-las. Colaborou assiduamente da revista "Estudos Psíquicos" (2.^a fase da vida desta publicação), com um estilo muito próprio, onde se confundia a poesia com o cultor da ciência dedicado às coisas da Natureza.

“Homem simples e profundamente sensível, teve vida modesta e não se deixou embriagar com os louros conquistados à força de trabalho e inteligência. (...) Era um gosto ouvi-lo dissertar.”

Foi, por diversos anos, sócio do Centro Espiritualista Luz e Amor, chegando a participar de alguns dos trabalhos que ali se desenrolavam.

Desencarnou em 10 de Março de 1952, com 80 anos. (1)

Referências:

1 – Revista Portuguesa “Estudos Psíquicos”, Maio de 1952.

Informações adaptadas de: VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Albuquerque Rocha?

No antes e pós-25 de Abril de 1974, juntamente com Laurentino Simões, constituía talvez o polo principal de aglutinação dos interessados na doutrina espírita na cidade do Porto, onde residia, ainda antes de poderem exercer o direito associativo.

Lia-se em setembro de 1979, no boletim informativo n.º 7 intitulado «Nós e a Criança», da Comissão Infanto-juvenil do Núcleo Espírita Cristão, com sede na altura na Rua do Almada, n.º 30 - 1.º - Porto, Portugal, escrito pelos jovens deste grupo: «Na noite de 9 de Outubro de 1925, nascia este nosso querido amigo, na cidade de Pinhel, distrito da Guarda.

A sua infância desenrola-se no contacto diário com a natureza, respirando o agradável aroma das florestas, sossegando no suave marulhar do rio.

Mas, já nessa época, a sua saúde começara a debilitar-se devido às mais variadíssimas doenças que o acometiam.

O sofrimento intensificava-se. Mesmo já na condição de adulto, a sua recorrência aos médicos era frequente. A solução parecia não querer aparecer.

O padecimento prolongado impele-o na busca dos assuntos espirituais. Passa a ouvir a palavra da religião evangélica. Passado pouco mais dum ano apercebe-se, não obstante os relevantes conhecimentos que ali adquire, que precisava de mais, de algo mais substancial.

Mas, pouco tempo depois, alguém acaba por lhe emprestar a revista «Fraternidade». Depara com um artigo que lhe dizia intimamente respeito, ao tratar da dor e do sofrimento. A sua esperança reaparece. A dor ensinava-o agora a entender os importantes conceitos que anteriormente não passariam talvez de meros agrupamentos de palavras. Entusiasmado, assina a revista. Inicia depois o tratamento espiritual pelo passe magnético e complementa-o pelo esforço próprio, no apoio do estudo esclarecedor. Seguidamente forma equipa com Laurentino Simões, no auxílio às pessoas muito necessitadas que os procuravam.

Aí, empenhando-se no trabalho espiritual com absoluto desinteresse material, grande parte das suas graves moléstias cessam, dando lugar a considerável restabelecimento. Surgem grandiosas curas. Prossegue admiravelmente na prática da Doutrina Espírita.

Chega a altura da organização do Núcleo Espírita Cristão e é um dos seus fundadores.

Hoje, fruto de todo um processo de burilamento interior que vem efetuando tão bem, é a personalidade esclarecida e cativante para todos quantos se aproximam dele, sempre amigo, que todos nós reconhecemos e admiramos.»

Henrique C. M. Albuquerque Rocha terminou a sua vida profissional como subinspetor da Polícia Judiciária, no Porto. Desencarnou em 29 de março de 2003.

No «Jornal de Espiritismo», publicado pela ADEP em Março/Abril de 2004, lê-se em chamada de 1.^a página, sobre uma entrevista de arquivo com Albuquerque Rocha: «Neste mês de Março faz um ano que partiu desta viagem terrena. Do arquivo salta uma entrevista saída da rádio e surge a justa homenagem: é um dos veteranos que ajudou na divulgação desde antes de 25 de Abril de 1974, quando a liberdade dissolveu a ditadura e restaurou o direito de associação.»

Link para ler a entrevista na pág. 10 do JDE em pdf - <http://www.adeportugal.org/jornal/downloads/jde03.pdf>

Sabe quem foi o médico Alfredo Mota?

ALFREDO GOMES MACEDO MOTA “era laureado pela Faculdade de Medicina do Porto, de cujo corpo docente fez parte. Foi estagiário da Faculdade de Medicina do Paris, com longa prática em sanatórios antituberculosos de Davos-Platz.

Durante 17 anos exerceu clínica em climas tropicais, especializando-se no tratamento da sífilis, moléstias da pele e vias urinárias, em cuja clínica chegou a obter verdadeiros milagres.

Depois de 20 anos no Rio de Janeiro, onde trabalhou na sua profissão, regressou a Portugal em 1923, abrindo, então, em Espinho, um consultório de clínica homeopática. Os seus doentes, espalhados por todo o País, consultavam-no por escrito.

Denodado propagandista do Espiritismo, pela palavra e pelo exemplo, colaborou na revista "Além", da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, tendo sido Presidente da Assembleia Geral desta coletividade por algumas vezes.

Sobre si próprio, escreveu: “Por que rifei eu a filosofia com que fui criado nesta minha pátria? Depois de ter atingido e praticado o lugar de 1.º assistente da Faculdade de Medicina do Porto, tive a intuição de pedir a minha demissão e ir para o Brasil experimentar a minha profissão de clínico com os conhecimentos adquiridos na minha escola-mãe e com esta prática tive bastas contrariedades, até que me relacionei com um dentista de origem patriciana e diplomado no Rio, já falecido, e que foi nos últimos anos presidente de um centro espírita. Assisti a várias sessões que eliminaram parte da minha ignorância e fui lendo os livros que ele me emprestava, até me tornar espírita convicto, momento em que fiquei crente em Deus, coisa que não conseguira desde criança, apesar da prática católica. (...)”.

O Dr. Alfredo Mota desencarnou em Espinho em 14 de Outubro de 1941.

Mais: VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português

Sabe quem foi Amélia Cardia?

Lisboa, 1855-1938

Médica e escritora.

Dedicou-se ao estudo dos clássicos e da filosofia, após o que se formou em Medicina com brilhantes classificações. Foi a primeira senhora licenciada em Medicina que defendeu tese, em Portugal - intitulava-se "Febre histórica".

Fundou uma casa de saúde na Estrela (1908), que deixou passados oito anos para se dedicar a estudos de filosofia e espiritismo.

Pertenceu à Associação das Ciências Médicas e à Federação Espírita Portuguesa, de que foi cofundadora. Ficou na imprensa: "O I Congresso Espírita Português, realizado em Lisboa nos dias 15, 16, 17 e 18 de Maio de 1925, foi, sem lisonja, uma admirável congregação de esforços, donde resultou um brilhantismo invulgar, a que toda a imprensa diária da capital prestou justas homenagens, pela elevação científica e moral que presidiu à discussão das teses apresentadas."

Colaborou assiduamente em diversos jornais e revistas – "Revista de Espiritismo", entre outras, tendo dirigido "O Mensageiro Espírita".

Colaborava igualmente com outras publicações: "Ilustração Portuguesa", "O Século", "Diário de Notícias". Desencarnou em 30 de Abril de 1938.

Fonte - Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, Vol. II, Lisboa, 1990

Outro livro - https://livrariafep.pt/produto/paginas-do-passado-vol-v-amelia-cardia/?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTAAR2H8QRvFUH_1CJh7RAULvV1-vZOVko_2D7jIUvGEEdsc_8KIsXm-hPpBPa0_aem_AR044WUbj67zMORPsalM0RvpzmdD-EjCyzvjcdGLVpriDYbFWOeinZrbFz26FVtnca_WP6cxGg5346pnqD_qBvO5

Sabe que foi Amílcar de Sousa?

Amílcar Augusto Queiroz de Sousa nasceu em Cheires, Alijó, em 1876.

“Conforme podemos ler na Enciclopédia Luso-Brasileira, era filho de abastado viticultor duriense e formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra em 1905, partindo, depois, para Paris, onde se dedicou ao estudo das doenças da nutrição.

“Com a leitura da “Revista de Estudos Psíquicos”, editada pelo Dr. José Alberto de Sousa Couto, e com os livros “Do País da Luz”, com mensagens psicografadas pelo médium português Fernando de Lacerda, e um pouco de abnegação – é fácil tocar um herege. Porém, só quando o destino fez com que, durante anos, levasse a cabo milhares de experiências com a sonâmbula Alice Santa Rosa, em Lisboa, é que cheguei à convicção de que havia mais do que a matéria opaca e miserável que me haviam ensinado ser a base de tudo – um como que fundo de reserva sem vida...” – declarou, no Porto, no início de uma palestra que fez. (2)

Dedica parte do seu tempo à Federação Espírita Portuguesa e à Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, fazendo, por várias vezes, parte dos seus Corpos Sociais como Presidente de Direção e da Assembleia Geral.

No elogio fúnebre que lhe foi feito, na revista “Além”, de Março/Abril de 1940, lemos:

“Pessoa boa e sincera, foi um apóstolo do bem, da paz e da saúde.

“Seguindo a máxima “mens sana in corpore sano” – dedicou a sua desvelada e persistente atenção, durante 30 anos de actividade intensa, a aconselhar os homens – como Rosseau – a procurarem a felicidade na saúde do corpo e a conseguirem-na pela integração progressiva e metódica da sua vida nas regras do instinto de obediência às leis da mãe natureza. Mas os homens não o entenderam.

“Foi um admirador de Buda até à morte, esforçando-se por não fazer aos outros aquilo que não desejava que lhe fizessem.

“Desejava que todos os homens se amassem, sem distinção de raças nem credos políticos ou religiosos, vivendo inteligentemente na santa paz de Deus”.

Era também editor da revista “Além”, propriedade da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto. O Dr. Amílcar de Sousa desencarnou no Porto no dia 14 de Março de 1940.

Referências:

10 – Enciclopédia Luso-Brasileira;

2 – Revista “Além”, de Outubro de 1930, da “Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas”, do Porto;

3 – Revista “Além”, da S.P.I.P., de Outubro de 1930.

Mais: VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi António Castanheira de Moura?

Nasceu em Abril de 1865 em Vila Seca (Tábua), vindo muito novo, ainda, para Lisboa, onde trabalhou humilde e arduamente. Inteligente e empreendedor, com brevidade se estabeleceu com uma padaria modesta, no Alto da Palmeira, de onde se mudou, mais tarde, para a Rua de D. Pedro V, esquina da rua da Rosa, onde instalou uma padaria modelar que, na época, fez sensação em Lisboa. Com o tempo, fundou 246 estabelecimentos de produção e venda. (1)

Não sabemos quando descobriu a Doutrina Espírita mas, segundo o Dr. António Joaquim Freire no livro “Da evolução do Espiritismo”, Castanheira de Moura foi um fervoroso propagandista dos velhos tempos, e um dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa, FEP (1926), a quem consagrou o melhor do seu esforço, dedicação e proficiência. À sua atividade e dedicação se deve a entrada de muitos sócios para a F.E.P., desde a sua fundação”. (2)

Folheando a “Revista de Espiritismo” e a “Revista de Metapsicologia” da Federação Espírita Portuguesa, e a revista “Além”, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto, encontramos não só muitos artigos da sua autoria como muitos outros por si traduzidos, com que enriqueceu as páginas daquelas revistas.

Em 1950, devido aos desmandos da Direção que se encontrava a dirigir a F.E.P., Castanheira de Moura é um dos espíritas da velha guarda que assina a carta dirigida a todos os espíritas, pedindo que compareçam à Assembleia Geral que se vai realizar e patrocinem a lista eleitoral para a dignificação e propaganda do Espiritismo.

Nesta mesma Assembleia Geral é eleito vice-presidente, mas, a partir de Janeiro de 1953, com a demissão do Dr. António Lobo Vilela, é ele que passa a gerir os destinos da F.E.P., mantendo-se na Direção até depois da ordem de encerramento feita pelo Ministério da Educação, em Novembro do mesmo ano, e ficando como fiel depositário depois das portas seladas.

É ele, ainda, que assina e incentiva a criação do Laboratório de Experiências Metapsíquicas, da F.E.P., para cuja criação foi necessária a alteração dos estatutos. Este pedido de alteração e aprovação foi o ponto de partida de que o Governo se serviu para tudo o que se seguiu, com a afirmação de que a Federação estava ilegal desde 1926.

Desencarnou em Março de 1961.

Fontes:

1 – Enciclopédia Luso-Brasileira;

2 – Dr. António Joaquim Freire: “Da evolução do Espiritismo”, edição FEP, 1952.

VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi António Joaquim Freire?

Vulto histórico do movimento espírita português (1877-1958) foi médico, orador e escritor.

Em 1904 obtém a licenciatura em Medicina na Universidade de Coimbra e especializa-se em Medicina Sanitária. Em 1906 fixou residência em Penela, desempenhando os cargos de Médico Municipal e de subdelegado de Saúde.

Autor de diversos artigos em periódicos espíritas da época: "Revista de Espiritismo" da FEP; revista "Além", mensário de espiritismo, filosofia e ética da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas do Porto; revista "Luz e Caridade" de Braga, entre outras.

Descobriu a doutrina espírita em 1919. Em 15/18 de maio de 1925 tomou parte bastante ativa na realização do I Congresso Espírita Português. Foi durante a sua realização que nasceu a ideia da criação da Federação, ideia essa concretizada em 31 de julho de 1926, sendo António J. Freire o responsável pela nomeação do seu 1.º presidente, o Dr. Afonso Acácio Martins Velho, a quem o ligava profunda amizade e respeito.

Escreveu vários livros: «À margem do Espiritismo», 1948; «Da alma humana», 1950; «Da fraude no Espiritismo experimental», 1950; «Da evolução do Espiritismo», 1952; «Ciência e Espiritismo», 1955. Os originais dos livros que escreveu doou-os integralmente às entidades que os mandaram editar, negando-se totalmente a receber o mínimo valor da venda dos mesmos, "ainda que tivesse de passar fome", como costumava dizer.

Mais: VASCONCELOS, Manuela. História do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi António Lobo Vilela?

ANTÓNIO EDUARDO LOBO VILELA nasceu em Vila Viçosa em 25 de Fevereiro de 1902, em lar católico, tendo sido educado nos princípios de uma moral austera, mais laica que religiosa, não tendo chegado a ser católico praticante apesar de batizado.

Preocupado, desde muito novo, com as desigualdades do ser humano, a educação científica que adquiriu afastou-o mais e mais do vago sentimento religioso com o qual crescera. A contradição que verificou, entre Deus e a existência do mal, sem a negação de um dos dois – mas porque a negação de Deus representasse para ele a negação de toda a esperança – fizeram com que entrasse numa fase de pessimismo, que tentou combater com leituras filosóficas, que foram desde Platão a Descartes, de Spinoza a Rousseau, de Comte a Darwin, passando por Dante, Haeckel e outras que ainda mais o perturbaram e dilaceraram o seu espírito.

Em 1921, quando estudante em Coimbra, e em reunião com colegas que procuravam, também eles, uma verdade sem fraudes, descobriram na “manifestação da mesa pé de galo” uma evidência que não só os levou a pôr de parte a ideia do subconsciente ou telepatia, mas lhes confirmou a presença de uma inteligência que ficava para além dos que ali se encontravam reunidos naquela experiência.

Este facto marcou-o profundamente e a leitura de Maeterlink, com o seu livro “A Morte”, muito o impressionaram, embora as experiências de regressão de memória, realizadas em França pelo Coronel Albert de Rochas, o lançassem em novas confusões.

Depois do seu regresso a Lisboa, e em oportunas trocas de impressões com o Dr. António Joaquim Freire, médico de sua família, que lhe falou dos fenómenos espíritas, com os quais há muito se mostrava interessado, orientado e estimulado por ele, de novo se dedicou à leitura de obras metapsíquicas de autores que, alheios à fenomenologia espírita, lhe inspiravam confiança, pela sua autenticidade.

Vem, depois, a ler Allan Kardec, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Gabriel Delanne, e verifica que “a teoria das vidas sucessivas, que inicialmente havia achado tão extravagante, ligado como estava às teorias da biologia materialista, era um princípio fundamental que lhe fornecia a solução para os inúmeros problemas morais e sociais”. (1)

"(...) licenciado em matemáticas e em engenharia geográfica com alta classificação, viu-se afastado do ensino público por virtude das suas ideias; fundador do Movimento de Renascença Democrática, colaborador assíduo da ‘Presença’ e da ‘Voz da Justiça’, mais tarde ‘Seara Nova’, da ‘República’ e do ‘Diário de Lisboa’; fundador da ‘Editorial Inquérito’ com Eduardo Salgueiro, e posteriormente da ‘Gleba’ e da ‘Sirius’; tradutor excelente de grandes autores estrangeiros, nomeadamente dos clássicos gregos; fundador da União Socialista e seu lídimo representante aquando das discussões da integração com o Partido Socialista Português e o Partido Trabalhista Português; membro da Comissão Central do Movimento de Unidade Democrática – MUD, e fundador do MUD Juvenil – viu-se mais de uma vez perseguido politicamente e encarcerado em condições ignominiosas”. (4)

Precisamente devido a estas e outras perseguições políticas, ao ser eleito Presidente da Direção da Federação Espírita Portuguesa, em 1953, aceita o cargo, de que chega a tomar posse para se demitir três meses mais tarde para “não prejudicar a Federação”. (3)

Livros didáticos de sua autoria:

- Sobre o Ensino das Matemáticas Elementares (1933);
- Sobre a Didática das Matemáticas (1937);
- Caderno de Matemática (Álgebra e Geometria) para o 2.º Ano dos Liceus (1937);
- Caderno de Matemática (Álgebra e Geometria) para o 3.º Ano dos Liceus (1937);
- Exercícios Resolvidos de Trigonometria para o 6.º Ano dos Liceus (1937);
- Exercícios Resolvidos de Álgebra para os 4.º, 5.º e 6.º anos dos Liceus (1937);
- Métodos da Matemática (1938);
- Métodos Geométricos (1939).

Literários:

- Infinitismo (1932);
- A Crise da Universidade (1933);
- A Universidade falou! (1933);
- Ao Serviço da Democracia (1945);

- Linha Geral (1946);
- Questões Pedagógicas (1946);
- Democracia (1949);
- Ciência e Poesia (1955);
- Do Sentido Cómico e Trágico da Vida (1956);
- Problemática do Homem (1963);
- Perspectivas (1964);
- Nação e Trono (1964).

Espíritas:

- A Morte é Vida (1930 – 2ª edição); Poder Mental (1931 – 1.ª ed. Tip. Leiriense, Lda.) (1945); (3.ª ed. 1994, ed. da Associação Espírita de Leiria); Hipóteses Metapsíquicas (1940); O Destino Humano (1941); O Problema da Sobrevivência (1941).

Encontrando-se já bastante doente quando foi preso político, não voltou a recuperar a saúde debilitada com a libertação (para a qual muito contribuiu a manifestação e protesto de amigos e conhecidos, que com a sua manifestação quase forçaram as autoridades à sua libertação), vindo a falecer em 25 de Março de 1966. (5)

Referências:

- 1 – “Como se tornou espírita” – Revista portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, nº. 11, de Setembro de 1944;
- 2 – Da palestra de seu filho, Dr. Lobo Vilela, em 25 de Fevereiro de 1994, a quando da apresentação da reedição do seu livro “O Poder Mental”, que a ‘Associação Espírita de Leiria’ promoveu;
- 3 – “Revista de Metapsicologia” da Federação Espírita Portuguesa, 1953;
- 4 – Das palavras da Dra. Isabel Saraiva, Presidente da Associação Espírita de Leiria, na apresentação do livro “O Poder Mental”, em 25/2/1994.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Eduardo Matos?

EDUARDO FERNANDES DE MATOS nasceu em Freixedo, distrito de Santa Comba Dão, em Portugal.

Cresceu no meio das dificuldades da família, tendo começado a trabalhar menino ainda, e só com a frequência da 2.^a classe da instrução primária.

De emprego em emprego, de trabalho em trabalho, acabou mais tarde, já com 14 anos, nas oficinas dos caminhos-de-ferro de Cascais onde, mercê das facilidades (comparativamente com as lutas anteriores) de horário, consegue tirar, na escola noturna, a 4.^a classe da instrução primária (atual 4.^o ano do ensino primário).

Antes de ter começado a sua tarefa naquelas oficinas, e enquanto se recompunha em Freixedo da doença que o acometera devido aos esforços físicos a que o último patrão o obrigara, assiste, em casa da avó com quem estava, a uma manifestação espontânea sofrida por aquele familiar. Pouco depois lê um artigo intitulado 'Porquê, como e para quê'. Quer saber mais mas, de momento, não o consegue.

Em Cascais, um dos superiores que o olhava com uma certa complacência, vendo o seu jeito para as tarefas do escritório, destaca-o para ali, vez por outra, iniciando-o em tarefas contabilísticas. Eduardo vem a descobrir que esse seu superior é espírita, pois vê o seu nome assinando um dos artigos publicados numa revista de Braga. Fala-lhe dos fenómenos a que assistiu, quando em Freixedo. Tomás, o seu superior, vendo o seu interesse, dá-lhe conselhos e cede-lhe alguma literatura que o esclarece, ajuda e orienta na vida.

Terminada a tarefa na oficina de Cascais, arranja colocação nas do cais do Sodré, em construção, conjuntamente com muitos outros colegas e superiores, onde chega ao posto de eletricista mecânico... Um dia, de visita a um antigo patrão, este dá-lhe emprego de caixeiro-viajante, tinha ele, então, 17 anos.

Com ele se mantém até ser chamado para a tropa; depois de cumprir o serviço militar vai trabalhar para a empresa de produtos elétricos Philips e matricula-se no Ateneu Comercial de Lisboa, para tirar o curso comercial.

Casa com uma das filhas do antigo patrão, mantendo o emprego na Philips por 12 anos, findos os quais começa a trabalhar com os cunhados na firma do sogro que, entretanto, se reformara.

Continua a frequentar reuniões e palestras espíritas e as da própria Federação; desloca-se ao Brasil por diversas vezes e, em 1963, depois da suspensão da revista "Luz e Caridade", de Braga, cria a revista "Fraternidade", transferindo para a sua revista as assinaturas da revista nortenha, que consegue publicar mesmo durante o tempo da proibição das práticas espíritas em Portugal, atribuindo-lhe um cariz eclético.

Conjuntamente com Casimiro Duarte, impulsiona a vinda a Portugal de diversos médiuns brasileiros, como Nair Cravo, Divaldo Franco, Jorge Rizzini, promovendo passeios e piqueniques durante os quais uns e outros falavam da Doutrina Espírita – já que, em recintos fechados, era perigoso fazerem-se reuniões devido à observação e intervenção das forças da ordem (polícia da ditadura).

Está presente nas primeiras reuniões pós-25 de Abril de 1974 onde, apesar do seu desejo, não consegue fazer parte dos Corpos Sociais da Federação que recomeça, mas reabre a Associação de Beneficência Fraternidade (que funcionara com o nome de Fraternidade Esotérica) na Avenida Marquês de Tomar, em Lisboa, onde inaugura a distribuição da sopa pelos necessitados.

Em Março de 1976 funda o Lar Fraternal de Sintra, encerrado pelo Governo em 2002 com a justificação de não oferecer segurança... mas cujas instalações foram, depois, entregues a outros particulares.

Adquire instalações próprias para a associação, na Calçada de Santo António aos Capuchos.

Desencarnou em Março de 1992, octogenário.

Referências:

Apontamentos retirados do seu livro autobiográfico "O que é o Destino?".

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Faure da Rosa?

JOSÉ AUGUSTO FAURE DA ROSA, Coronel, nasceu em Leiria em 16 de Novembro de 1873.

Tendo frequentado a Escola do Exército, abraçou a carreira militar, sendo promovido a tenente em 1897.

Serviu a Pátria na Metrópole e no Ultramar, desde Angola até Timor, envergando sempre a "far4da imaculada dos que cumpriram o juramento de soldado, quando a vestiram pela primeira vez".

A par das atividades militares, foi professor do liceu, primeiro em Leiria e, depois, em Lisboa, sempre sobrecarregado de afazeres porquanto, para além daqueles, oficiais, que assumira, tinha ainda os outros sobre os quais se debruçava com prazer: escrever. Assim, dedicou-se ao jornalismo e ao teatro, traduzindo do inglês, de colaboração com Henrique Garland, duas peças de teatro (Bebé e Totó, e A Doença da Mamã).

Já com 5 filhos, embarca, então, para a Índia, na ideia de aumentar os recursos económicos, e ali fica, prestando relevantes serviços, durante 18 anos, e desempenhando cargos que foram o de Governador de Damão, Chefe do Estado Maior do Quartel-General do Governo-geral da Índia, Administrador das matas de Goa, de Praganã e Nagar-Aveli, e, neste último território, Comandante Militar e Administrador Civil,

atividades sempre exercidas com competência, excepcional zelo e espírito empreendedor.

Em 1912 participa da campanha de Timor, comandando a coluna de operações do Oeste. À sua ação nesta campanha se refere, mais tarde, o Comandante-Geral Filomeno da Câmara, em termos elogiosos no seu 'Relatório', referindo que, contrariando o estipulado superiormente, Faure da Rosa recusou-se a separar, entre os prisioneiros, as mulheres e os filhos dos respetivos chefes de família, demonstrando assim o seu alto espírito humanitário.

Em 1920 termina a sua carreira no Estado da Índia, regressando ao Continente para, em 1922 partir de novo, desta vez para Moçambique, sendo nomeado Secretário-geral do Governo de Manica e Sofala, na Beira, de onde regressa em 1925. Possuía as medalhas de prata de Valor Militar (com Palma), de ouro, de Comportamento Exemplar e outra, da Campanha de Timor. Era Grande Oficial da Ordem Militar de Aviz.

Aqueles que o conheciam afirmavam que “mais depressa o sol se desviaria do seu curso do que ele do caminho da honra”.(1)

Em 1927, então com 54 anos, assiste ao desencarne da filha mais nova, Noémia, de vinte e poucos anos. O desespero de ver partir aquele ente querido, mais as imagens que a filha descreve, antes do desencarne, vendo o que mais ninguém lobriga, levam-no a pôr de parte todas as ideias cooperativistas, debruçando-se sobre o estudo da Doutrina Espírita, que não mais abandona. (2)

Dá a sua colaboração à Federação Espírita Portuguesa desempenhando, por diversas vezes, o cargo de Presidente de Direção; dirige a 'Revista de Espiritismo', 'Revista de Metapsicologia' e 'O Mensageiro Espírita', todas da F.E.P.; colabora com artigos que escreve e são publicados em todas as revistas espíritas portuguesas editadas na época, inclusive na 'Luz e Caridade', de Braga; 'Além', do Porto; 'Estudos Psíquicos', de Lisboa, entre várias outras, e faz palestras, não só nas instalações da Federação como em qualquer outro local onde o convidem para falar, com palavras que “lançaram muita luz e esclareceram muitas almas”. (3)

Rebatendo o conferencista belga, Pierre Goemaère, que levemente atacou o Espiritismo, numa palestra no cinema S. Luiz, fez uma conferência no cinema 'Condes', que redundou em apoteose, com a sala completamente cheia dos mais ilustres nomes da época, onde se viam advogados, médicos, engenheiros, comerciantes, industriais, artistas, etc., enquanto ele falava “Em Defesa do Espiritismo” (4).

Desloca-se por diversas vezes ao Porto, para falar na Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas.

Em São Paulo, existe uma rua com o seu nome no distrito de Jabaquara, criada com o seguinte histórico: “Faure da Rosa foi escritor modernista da segunda geração. O Coronel José Augusto Faure da Rosa (1879-1950) nasceu em Leiria/Portugal, desencarnando em Lisboa/Portugal. Foi Chefe do Estado Maior do Quartel-General do Governo-geral da Índia Portuguesa, tendo comédias encenadas no Teatro Português. Tornou-se espírita e foi Presidente da Federação Espírita Portuguesa. Dirigiu e colaborou em revistas espíritas, escrevendo livros espiritistas”. (5)

Observamos aqui um erro, no ano do nascimento, aqui referido como '1879', quando seu filho informa ter sido em '1873'. Desencarnou em 8 de Novembro de 1950.

Referências:

- (1) – Revista espiritualista portuguesa 'Fraternidade', da Associação de Beneficência Fraternidade;
- (2) – Informação de Maria Henriqueta V. S. de Souza Magalhães, sua “sobrinha adoptiva”;
- (3) – Revista espiritualista portuguesa 'Fraternidade', da A.B.F.: entrevista concedida por seu filho à Revista, para falar sobre seu Pai;
- (4) – Revista portuguesa 'Estudos Psíquicos', Novembro de 1960;
- (5) – Anuário Espírita Brasileiro da IDE, ano de 2005, página 249.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi o médico Artur Dias Pratas?

As revistas que mais se lhe referem, e onde encontrámos artigos seus, são a “ALÉM”, do Porto, e a “Estudos Psíquicos”, de Lisboa.

Sobre Artur Dias Pratas escreveu J. S. M., na revista “ALÉM”: “(...) Foi, em Portugal, um dos mais fecundos defensores do neo-espiritualismo, não só na tribuna, onde algumas vezes fez ouvir a sua voz de crente e ardoroso doutrinador, como na imprensa, onde se tornou notável e muito apreciado pelo valor filosófico e científico dos seus artigos e pelo desassombro da sua fulgurante dialética que em certos meios culturais causou espanto, porque era um médico e também observador-chefe do Instituto Geofísico da Universidade de Coimbra.

“(…) Ousado como poucos, desprezando interesses e preconceitos sociais, conveniências e regras protocolares da sua vida profissional, pelas suas firmes decisões e atitudes, pelo sacrifício e virtude de seus actos, classificou-se ... como um apóstolo sincero e verdadeiro desta nossa doutrina de luz, amor, harmonia e caridade, no seu tríplice aspecto de filosofia, ciência e religião, que ele, com grande devotamento e entusiasmo tão dignamente soube defender, depois de um estudo analítico de factos que rigorosamente observou no Espiritismo experimental, laboratório onde conheceu – segundo o seu testemunho – a verdade e o caminho para novos rumos da ciência e da moral cristã, e onde apreciou, também, as faltas e erros que não soubera reprimir (...)”. (2)

Artur Pratas colaborou, desde 1930 até à sua desencarnação, nas páginas da revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, e em vários jornais e revistas

espíritas d'aquém e d'além Atlântico (2), “sendo os seus escritos largamente apreciados por muitos daqueles que desconheciam o Espiritismo e o julgavam apenas pelo reflexo de palavras espalhadas inconscientemente e com lamentável deselegância, por detratores que fazem de tais críticas rendosa profissão.”(2)

Lê-se na revista "Estudos Psíquicos": “Um dia chegou, enfim, em que me foi facultado assistir a uma sessão, na qual o Guia do médium, começando por relatar coisas que só eu podia conhecer e outras que só mais tarde verifiquei serem verdadeiras, terminou por me censurar firmemente, aconselhando-me a não contrariar a Lei de Deus, que... - prodigiosa metamorfose se operou em mim!”

Desencarnou em Coimbra, onde quase sempre viveu, em 14 de Outubro de 1946, com 60 anos. (2)

Referências:

(1) – Revista portuguesa "Estudos Psíquicos", nº. 4, de Fevereiro de 1945.

(2) – Revista portuguesa "Além", da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, de Setembro/Outubro de 1946.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi o general Cabral Quadros?

ARNALDO COSTA CABRAL DE QUADROS fez parte da Junta Consultiva dos primeiros Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa (FEP) de 1926, dando a sua colaboração à mesma até 1940.

Sendo um dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa (F.E.P.), dela se demitiu naquele ano, por não concordar com o procedimento da então Direção vigente e da maneira como a mesma estava utilizando o legado que Firmino da Assunção Teixeira. (1)

Espírita da velha guarda, contribuiu para a construção da sede própria da F.E.P., e assinou inúmeros artigos publicados na 'Revista de Espiritismo' e na revista 'Estudos Psíquicos', segunda fase, sendo assinante desta última desde o seu primeiro número.

Em artigo publicado na "Revista de Espiritismo" da F.E.P., afirma e esclarece:

“ (...) Há já alguns anos que sou espiritualista, e isto, porque as provas da espiritualidade vieram inesperadamente ao meu encontro, e por assim dizer saíram-me ao caminho, e com tanta evidência se deram as manifestações que presenciei, que tive de me render perante elas e modificar conseqüentemente as convicções tão mal fundamentadas que tinha, e que caracterizavam a época em que comecei a pensar e a estudar.

“A consequência imediata dessa reviravolta do meu espírito foi o começar a dedicar-me ao estudo teórico e prático do espiritismo. As provas concludentes continuaram a

aparecer, postas de parte, claro está, as fraudes inconscientes, e até por vezes conscientes, que se não podem evitar e que tanto prejudicam o espiritismo."

Desencarnou em Lisboa, em 28 de Fevereiro de 1943. (1)

Referências:

1 – Revista portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, n.º 22, de Março/Abril de 1943.

2 – ‘Revista de Espiritismo’, da Federação Espírita Portuguesa, n.º 6, de Novembro/Dezembro de 1930.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Casimiro Duarte?

Nasceu no Cadaval, em 1904.

Muito novo sentiu em si aquele “não sei quê” que o fazia vibrar de forma diferente das gentes comuns, perguntando-se de onde vim, para onde vou?

Tendo descoberto a Doutrina Espírita, em 1940 assumiu-se como espírita organizando um grupo de pessoas amigas que começou a reunir semanalmente. Ainda neste ano inicia as suas deslocações anuais ao Brasil, onde – a par das suas funções civis de caixeiro-viajante – ia aurrir energias, como dizia, contactando espíritas e centros brasileiros, na ânsia de aprender sempre mais para poder transmitir, aqui, tudo o que soubera e vira sobre orientação e preparação a dar às pessoas. Torna-se, assim, o espírita português mais conhecido no Brasil e, conjuntamente com Eduardo Fernandes de Matos, é através deles que começam a visitar Portugal alguns espíritas e médiuns brasileiros como Divaldo Pereira Franco, Nair Bravo, Newton Boechat, Jorge Rizzini, e outros.

Em 1952 inscreve-se como o sócio n.º 450 no Centro Espírita Perdão e Caridade, fundado por Maria O’Neill. No mesmo ano, e por desistência de alguns elementos dos Corpos Diretivos, integra os Corpos Sociais como 1.º Vogal.

No dia 26 de Outubro de 1952 são inauguradas as novas instalações do Centro Espírita Perdão e Caridade (C.E.P.C.), de que Casimiro Duarte pagará, individual e pontualmente a renda durante os anos da perseguição governamental movida a todas as Casas Espíritas.

Após o 25 de Abril, reabre o Centro, procurando Isidoro Duarte Santos, do Centro Espiritualista Luz e Amor, e convidando para colaborar no mesmo o amigo Licínio Henriques, que sabia espírita.

A Federação Espírita Portuguesa é reaberta nessa altura, por convocatória de Duarte Santos e, eleitos os Corpos Sociais, fica a funcionar nas instalações do Perdão e Caridade.

Nas primeiras eleições do C.E.P.C. Casimiro Duarte desempenha o cargo de Presidente do Conselho Fiscal, até ao ano imediato, quando uma cisão entre os dirigentes dos dois Centros provoca a rotura, ficando Casimiro no Perdão e Caridade, que encerra por uns meses, para reestruturação, e de que é eleito Presidente quando da reabertura.

Todos o referem como um homem dinâmico, enérgico e muito sério, jamais se aproveitando do Espiritismo para comércio.

Embaixador dos espíritas em terras brasileiras, ali leva um grupo de 20 pessoas que, como ele, professam o mesmo Ideal. Mas, o Brasil só já não o satisfaz e, aproveita as deslocações de trabalho ao Ultramar para contactar quem professasse das mesmas ideias. Conhece, assim, em Angola, a Dra. Ofélia Albuquerque e Maria da Conceição Nobre, cada uma com o seu grupo, no Lobito; em Luanda, Maria Cleofé Oliveira e João Xavier de Almeida; em Moçambique, António de Pina Gouveia, Artur Cruz, José Fernandes Pereira e Albino Trindade, todos com o grupo, depois centro, Comunhão Espírita Cristã, em Lourenço Marques (Maputo), e outros ainda, e acompanhou a médium Nair Cravo na sua primeira deslocação a terras portuguesas de África.

Numa das suas deslocações ao Brasil conhece o Prof. José Herculano Pires, em São Paulo, ficando a dar-se com a família. É assim que, depois da desencarnação do espírita e escritor, consegue da sua viúva a autorização necessária para a publicação, em Portugal, não só de todos os livros de Herculano Pires como, ainda, de todos aqueles que ele tivesse traduzido. Surge, então, em 1979, a edição portuguesa de 'O Livro dos Espíritos', com segunda edição em 1984 e outras mais a partir daí; em 1980 'O Evangelho Segundo o Espiritismo', com 2.^a ed. em 1982, o livro espírita mais vezes reeditado em Portugal por aquela Associação; e, em 1981, 'O Livro dos Médiuns'.

Contribui, com a sua presença e auxílio, para os Centros que vão abrindo pelo País, e dando muitas vezes a sua colaboração e apoio a Eduardo Matos, da Associação de Beneficência Fraternidade, da mesma maneira que participava no pagamento das despesas surgidas com as deslocações de espíritas brasileiros a Portugal, quando convidados pela F.E.P. ou por ele, ou por terceiros – desde que lho pedissem.

Desencarnou em 26 de Dezembro de 1985.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Joaquim Dá Mesquita Paul?

Joaquim Marques Dá Mesquita Montenegro Paul - só assinava Joaquim Dá Mesquita Paul - nasceu em Azurém, Guimarães em 16.03.1875. Frequentou um seminário em Lamego e aos 16 anos entrou na Universidade de Coimbra onde se formou em Medicina.

Médico, no "exercício da sua profissão foi “antigo e prestigioso diretor clínico do Refúgio da Tutoria Central da Infância da comarca portuense e presidente da Comissão Administrativa dos Bens Culturais do Bairro Ocidental do Porto. Exerceu ainda diversas atividades pedagógicas, evidenciando-se como publicista de sólida cultura”.

...

"Da “coleção” de poemas que pudemos juntar, de sua autoria, lembramo-lo, no soneto:

A SÓS

Para que julgas, Homem! Saber tanto,
Se tudo quanto sabes é bem pouco!...
Ergue a cabeça tua, pobre louco,
E pesquisa no fundo desse manto.

Vê tu se à vastidão encontras termo.
É tudo infindo como o pensamento!...
Vão as ideias como ténue vento,
Encontrar-se vogando em puro ermo...

E, todavia, ao longe há muito ainda
Que procurar saber os homens devem,
Pois é ciência bem formosa e linda!

Voa! Não pares! Investiga! Luta!...
Posto que os anos sobre a fronte nevem,
Há sempre mundos que a razão perscruta."

...

"JOAQUIM DÁ MESQUITA PAÚL, médico, poeta, (e humorista, como alguns o chamavam), nasceu em 1875, no distrito do Porto. Fez parte do grupo de espíritas que nos precederam, acompanhando o nascer do Movimento Espírita, em Portugal, aprendendo e transmitindo os conhecimentos que foram adquirindo e lançando, assim, a semente que foi crescendo e multiplicando-se por aqueles a quem chegava.

Foi o sócio n.º 1 da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas e, por diversas vezes e durante alguns anos sucessivos, Presidente de Direção e da Assembleia Geral, com uma participação sempre muito ativa.

Folheando as revistas do passado, nelas encontramos artigos e poemas de sua autoria, com que brindava os leitores, principalmente na Revista “Além”, propriedade da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, associação cuja sede ficava na Rua Álvares Cabral, Porto.

Uma nota muito interessante - este médico e professor foi o tradutor da 1.ª edição portuguesa do livro mais conhecido de Charles Darwin, «A Origem das Espécies», publicado em 1913, pela Livraria Lelo e Irmão.

Origem das citações: Vasconcelos, Manuela. ALGUNS VULTOS DO MOVIMENTO ESPÍRITA PORTUGUÊS - pdf encontrado na internet.

Link para livro - <https://livrariafep.pt/produto/mv-mep-mov-esp-portugues/>

Na Universidade de Coimbra apanhou o período revolucionário da República, tornando-se num ativista ferrenho, mas sendo sempre contra o regicídio.

Foi delegado de Saúde do Porto na época da gripe pneumónica, diretor da Tutoria da Infância e médico na Vila dos Carvalhos.

Desencarnou a 12.05.1946, em Carvalhos, Vila Nova de Gaia.

Sabe quem foi Fernando de Lacerda?

Loures, 1865-1918

FERNANDO AUGUSTO DE LACERDA E MELO nasceu em Loures, nos arredores de Lisboa, a 6 de Agosto de 1865.

Dos 13 aos 19 anos viveu na capital, onde estudou. Ali encontrou o bem-estar material que o tio, com mais possibilidades materiais que seu pai, de quem era irmão, lhe proporcionou.

Em 1884 volta para Loures, ajudando o pai, então viúvo, na criação e educação dos irmãos.

Em 27 de Junho de 1887, com meia dúzia de jovens seus contemporâneos e outros tantos adultos mais velhos, funda a Associação dos Bombeiros Voluntários de Loures, de que o tornam o 1º Comandante.

Devido ao socorro que pede aos reis - para Maria Filipa, de 9 anos, que salvara seus dois irmãos de perecerem num incêndio que deflagrara na própria casa, quando sozinha com as crianças - Fernando ingressa no palácio e, a partir daí, passa a contar com a amizade dos príncipes, que muito o consideram.

É, também, a partir desse ano que começa a colaborar com alguns jornais, entre eles o “Jornal do Bombeiro” e “Jornal do Alentejo”, que referem o seu nome no frontispício, como redator, logo a seguir ao do próprio título. Os artigos que para eles escreve serão, talvez, como que um ‘ensaio’ para os escritos diferentes que surgirão bem mais tarde...

Em 1898 ingressa na polícia administrativa do Governo Civil onde, gradualmente, vai sendo promovido até atingir o posto de subinspetor.

Em 1899 torna-se comerciante, em Lisboa, quando herda uma fábrica de vapor de baguetas e galerias, na Costa do Castelo que, mais tarde, transfere para a zona do Intendente. É para ela que ele vai encaminhando os infortunados da sorte que lhe pedem emprego.

É neste mesmo ano que Fernando de Lacerda começa a notar “que a mão, mesmo contra a sua vontade, lhe traçava escritos que era forçado a atribuir a uma inteligência estranha. Não era só a letra e assinatura deles; era o próprio conteúdo (...)”.

Em 1906, mais propriamente na noite de 28 de Outubro, quando recolhido no seu quarto, escuta uma voz pedindo-lhe que se erga e escreva...

Surge, assim, a primeira mensagem do Espírito Camilo Castelo Branco para o escritor e amigo Silva Pinto que pensa em suicídio. Camilo, com as suas palavras e a experiência do que viveu para além da morte, intenta sustê-lo na atitude tresloucada – o que consegue.

À mensagem de Camilo muitas outras se seguiram. Fernando de Lacerda reuniu essas mensagens e publicou-as no 1.º volume da obra que intitulou “Do País da Luz”, numa edição que custeou do seu próprio bolso, em Agosto de 1906.

Saber mais: livro - <https://livrariafep.pt/.../fernando-lacerda-o-medium.../>

Sabe quem foi Firmino de Assunção Teixeira?

FIRMINO D’ASSUNÇÃO TEIXEIRA é um dos nomes grados do movimento espírita, em Portugal, sempre pronunciado com respeito e gratidão pelos espíritas de então, principalmente pelo apoio que deu à Federação Espírita Portuguesa (FEP) de 1926, à

Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas (S.P.I.P.), do Porto, e aos centros espíritas então existentes.

Natural da Póvoa de Varzim, foi para o Brasil com cerca 14 anos, fixando-se no Rio de Janeiro, onde viveu até aos 45, tendo trabalhado sempre na mesma empresa, primeiro como empregado e, mais tarde, como sócio-gerente, ali adquirindo a fortuna que trouxe para Portugal, quando do seu regresso.

Apresentado por Manuel Cavaco, dirigente da S.P.I.P., ao Dr. António J. Freire, a simpatia que se formou entre eles levou-o a que, pouco depois, concedesse não só à F.E.P. como ao S.P.I.P. o donativo necessário que impulsionou as duas instituições para a aquisição de instalações próprias.

Por aquele donativo o Conselho Deliberativo da Federação Espírita Portuguesa, em reunião de 5 de Janeiro de 1929, aprovou por aclamação a proposta da sua Direção, para que fosse nomeado sócio benemérito daquela casa.

Para além daquelas doações, que constaram do seu testamento, concedeu ainda aos diversos centros então existentes um donativo anual que ficou a ser gerido pela Direção da Federação, encarregue da sua distribuição.

Desencarnou na Póvoa de Varzim em 22 de Julho de 1932. (1)

Referências:

(1) – REVISTA DE ESPIRITISMO, da F.E.P., Janeiro/Fevereiro/1929;

(2) - Revista portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, de Março/Abril/1942.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe que em foi Gilberto Marques?

GILBERTO S. MARQUES, diplomado com o Curso Superior de Comércio pelo Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, antigo diretor e professor da escola industrial e comercial Nun'Álvares, de Viana do Castelo, doutor pela Faculdade de Medicina da International University, foi um dos pioneiros do Espiritismo em Portugal, tendo fundado as revistas "Novos Horizontes" e "O Sucesso".

Ativo e diligente propagandista espírita, aos seus esforços devem-se, em grande parte, o incremento do Espiritismo no nosso País. (1)

Conforme ele próprio descreveu, "(...) Desde criança que senti uma irresistível atração para tudo o que representasse mistério, e assim, antes mesmo de atingir a idade dos 10 anos, assistia, com minha mãe, a sessões de Espiritismo, feitas em casa de família amiga, com o auxílio da vulgaríssima mesa de pé-de-galo. Evocava o Espírito de Hilário e a mesa prontamente respondia às nossas perguntas, batendo uma ou duas pancadas, conforme

a resposta fosse “sim” ou “não”. Quando entoávamos o “fado Hilário”, a mesa movimentava-se com grande força, obrigando-nos a levantar e a segui-la à volta da sala.

“O mistério do Espiritismo, ou melhor direi, dos espíritos, atraía-me, como o imã atrai o ferro. (2)

O tempo passa, mantendo-se sempre nele o mesmo interesse pelo Espiritismo.

Assim, está presente no 1.º Congresso Espírita Universal, realizado em Bruxelas de 14 a 18 de Maio de 1910, onde foi criado o “Bureau Internacional du Spiritisme”, com sede em Liège (Bélgica), sendo nomeado, em 5 de Julho de 1911, delegado do “Bureau” em Portugal.

Para poder participar no 2.º Congresso Espírita Universal cria a Aliança Neoespírita Portuguesa, com sede na Rua de Infantaria 16, n.º 51, 3.º Dt.º, e da qual fazem parte os espíritas que conseguiu reunir para o efeito.

E, de 9 a 13 de Maio de 1913, no II Congresso Espírita Universal, em Genebra, Portugal figurava pela primeira vez.

A “Aliança”, lembra o Dr. Gilberto Marques, era administrada por um Conselho Diretor composto por 10 elementos e foi registada no Governo Civil no mesmo dia em que foi fundada – 27 de Janeiro. A “Federação dos Espíritas Portugueses”, assim criada, foi suspensa mais tarde, no ano de 1918, devido à I Grande Guerra e ao pânico que se apossou de uns e outros, levando àquela atitude.

Em meados de 1919, Gilberto Marques embarca para os Estados Unidos da América (foi cônsul de Portugal em Providence), tendo, depois, mais tarde, regressado ao nosso País. (3)

Referências:

1 – Revista de Espiritismo da F.E.P., nº. 5, de 1932;

2 – Revista portuguesa de Estudos Psíquicos, Agosto de 1944;

3 – MEP – Movimento Espírita Português (tentativa histórica do Movimento Espírita em Portugal), da autora.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Hugo Rocha?

Hugo Amílcar de Freitas Rocha nasceu em 11 de Novembro de 1906, na cidade do Porto, onde fez o curso dos liceus.

O “príncipe dos jornalistas portugueses” – como o qualifica o Dr. António Joaquim Freire no seu livro “A Evolução do Espiritismo”, depois do curso dos liceus, “(...) empregou-se

numa firma comercial, ao mesmo tempo que exercia o professorado no ensino livre. A sua vocação, porém, havia de orientá-lo para o jornalismo e, assim, aos 18 anos principia a colaborar na edição da tarde de “O Comércio do Porto”, onde se revelaram nitidamente as suas excelentes faculdades. Em 1929 entrou definitivamente para o quadro redatorial daquele diário portuense, e anos depois foi escolhido para chefe de redação, lugar que ocupava em 1952.

“Apaixonado pela música, dirigiu durante anos o mensário de canto coral Orfeu e é o crítico musical de O Comércio do Porto.”

No “Mensageiro Espírita”, órgão da Federação Espírita Portuguesa, podemos ler a seu respeito, pelo punho de Isidoro Duarte Santos:

“(…) Hugo Rocha é uma bela afirmação ao serviço do espiritualismo. Moço, inteligente, sabedor, furou a greve do silêncio que o jornalismo profano jurou aos fenómenos psíquicos e teve o desassombro de escrever um livro estranho (“O Problema dos Fantasmas”), ao mesmo tempo libelo e profissão de fé: libelo do preconceito e profissão de fé de homem decidido e leal.

“(…) Ainda que o não pareça, pelo que se depreende do sumário, esta obra é um subsídio despretensiosíssimo para um estudo da mais alta importância, subsídio baseado nas opiniões de Heitor Durville, Guilherme Crookes, Flammarion, Felstead, Bozzano, Richet, Lombroso, Conan Doyle, Zingaropoli, etc.(…)” (2)

Espírita convicto, frequentava a Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas (SPIP), sendo muitas vezes o elo de ligação entre o Movimento Espírita e os periódicos citadinos, na publicação de notícias que ao Espiritismo se referiam.

E da revista “Além”, da S.P.I.P., extraímos, de duas páginas que lhe são dedicadas pela edição de mais um livro seu:

“(…)Hugo Rocha criou personalidade, mérito, valor, confiança e simpatia pela feição de acentuado realismo que imprime e dá aos seus trabalhos, à reprodução dos seus pensamentos, sempre insuflados de boa e sã moral; as suas produções caracterizam-se pelo estudo psicológico que o escritor denuncia ao descrever os protagonistas dos seus romances, evidenciando com subtilidade, arte e modéstia, os seus profundos conhecimentos de investigador e observador de problemas, que traduzem algo de transcendente nos domínios da filosofia e da ciência. Nesses voos de pensamento o escritor revela, então, a pureza de um espírito esclarecido e são... (...).

“(…) Ele é também um primoroso e fluente orador, dotado de um extraordinário poder de improvisação, subtil e distinto nas suas expressões, elegante no seu porte e na sua especial maneira de dizer; pena é que as suas muitas ocupações lhe não permitam fazer largo uso desta sua outra faculdade de artista da palavra, de forma a deliciar com algumas palestras e conferências que, pela sua cultura e vastos conhecimentos psicológicos, resultariam brilhantes e de franco e pleno êxito em qualquer parte onde a sua voz se fizesse ouvir”. (3)

Ignoramos a data de desencarnação, embora informação já distante no tempo nos tenha esclarecido de que Hugo Rocha chegou, ainda, a frequentar um dos centros do Porto, aberto depois do 25 de Abril de 1974.

Referências:

1 – Enciclopédia Luso-Brasileira, páginas 842/843;

2 – “Mensageiro Espírita”, órgão da Federação Espírita Portuguesa, Fevereiro de 1937;

3 – Revista ALÉM, da S.P.I.P., de Janeiro/Fevereiro de 1945.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi João Meira?

JOÃO MONTEIRO DE MEIRA nasceu em Guimarães em 31 de Julho de 1881, tornando-se, em 7 de Maio de 1908, Lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Sobre ele, escreveu o Prof. Pires de Lima: “O Meira não pensava, não estudava, nem gastava os seus ócios da mesma forma que o faziam os rapazes do seu tempo. E como os seus deveres escolares eram cumpridos sem grande método e sem grande entusiasmo, passou o tempo de estudante mal conhecido pelos mestres e mal apreciado pelos condiscípulos. Só uma pequena roda de amigos sabia que ele, em constantes leituras, estava adquirindo uma erudição perfeitamente rara para a sua idade e para o nosso meio.”
(1)

Tão depressa ‘imitando’ Eça como António Nobre, Faustino Xavier como Conan Doyle, Herculano como Oliveira Martins, “a imitação era tão perfeita que os críticos aceitavam as produções como incontestáveis originais daqueles que as subscreviam: eram inéditos que se encontravam. (1)

O próprio João Meira se acreditava o imitador dessa numerosa plêiade de prosadores e poetas. (...) (1)

Entre muitos outros, foram por ele recebidos os seguintes poemas, que fazem parte de um artigo do coronel Faure da Rosa sobre este médium pouco ou nada conhecido:

O SEU RETRATO

Verruga no nariz, barba aguçada,

Curta a vista, o pescoço e o cabelo:

Gordo, mas não de mais, um ar singelo,

A mão pelo cigarro defumada.

Linda gravata, roupa bem talhada,
Chapéu em que Avelino pôs bom pêlo,
Colete que o Viegas cora ao vê-lo,
Bota de couro inglês bem engraxada.

Escritor que procura novidades
Nos entulhos do eterno esquecimento,
E assim faz reviver outras idades.

Eis Lemos, em quem luz grande talento,
Um colega escreveu estas verdades
Dizendo ser Bocage em tal momento.

(Bocage)

O soneto a seguir, parece ter sido a última produção do Dr. João de Meira:

A SENHORA DA BOA NOVA DE LEÇA DA PALMEIRA

Na triste capelinha ao pé da qual,
Se Deus quiser, um dia hei de morar,
Ficarei junto à porta principal,
Para o povo, na entrada, me pisar.

E dirá o bom povo, quando entrar,
Vendo a pedra que esconde o meu coval:
- Anto lá está, liberto, enfim, do mal.
E à Senhora, por mim, há de rezar.

Há de rezar por mim com devoção;

Virgem da Boa Nova, ouvi-lhe a prece
Que aos rudes lábios manda o coração.

E pois não lembra quem desaparece,
Dizei ao povo que não me esqueça, não;
Que minh'alma também o não esquece.

(António Nobre) (2)

Comparando-o com Fernando de Lacerda, e os 'dons' de um e outro, o articulista comenta que, naquele tempo, 1911, a 'ciência ortodoxa portuguesa nem um instante se detinha a estudar a faculdade supranormal dos metapsiquistas, a mediunidade dos espíritas, o que não quer dizer que já hoje (1945) a estude". (1)

O Dr. João Meira desencarnou na pequena povoação de Gorminhães, perto de Guimarães, em 25 de Setembro de 1913, com 32 anos de idade.

Referências:

(1) – Artigo do Coronel Faure da Rosa, Presidente da F.E.P., publicado na revista ALÉM, da S.P.I.P., em Março/Abril de 1945;

(2) - Idem, idem, publicado na Revista O MENSAGEIRO ESPIRITA, da F.E.P., Setembro/Outubro de 1937.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi José de Barros e Sousa?

JOSÉ DE BARROS E SOUSA, Juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, à data da sua desencarnação, foi um dos mais dedicados e ativos pioneiros do movimento espírita, em Portugal.

“Dirigiu com superior critério, num largo espírito de tolerância e de ecletismo, durante alguns anos, a revista “Luz e Caridade”, de Braga, tendo exercido lugares proeminentes na Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas.

As suas últimas disposições testamentárias distinguem a beleza moral dos seus sentimentos cristãos: «Peço com muita humildade e insistência: - Toda a modéstia no

meu enterro; que o meu corpo, vestido com a beca de magistrado, seja encerrado em caixão de pinho, e transportado ao cemitério mais próximo pelo caminho mais curto numa carreta da Casa do Povo, e enterrado na vala comum. Desejava que o meu falecimento não fosse anunciado nos jornais, nem por qualquer outra forma, senão depois do enterramento. A todos quantos receberam de mim alguma ofensa, a todos quanto devo seja o que for, peço humildemente perdão. Espero que a ninguém escandalize o que deixo pedido.» (1)

Num dos seus artigos, cujo tema foi a morte, escreveu: “A morte não é motivo de terror mas um prelúdio de novas claridades”.

Desencarnou no Porto, no dia 1 de Dezembro de 1930.

(1) – ‘REVISTA DE ESPIRITISMO’, da F.E.P., de Janeiro/Fevereiro de 1931.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi José Fernandes Pereira?

Lia-se em junho de 1983, no boletim informativo n.º 53, mensal, intitulado «Nós e o Jovem», da Juventude Espírita Meimei, com sede em Águas Santas, Maia, Portugal, escrito por um dos jovens:

“Renascia ante a face da Terra, Pereira, primorosa flor humana entre os lindos jardins da sua povoação primeira: Viana do Castelo.

Nos seus mais verdes anos de criança foi abordado por doenças comuns, valendo anotar a mais grave que o fez ficar cego quase durante um ano.

Aconteceu, então, um fenómeno curioso: A sua mãe, muito devota da popularmente designada por "Nossa Senhora", certo dia, orando pela definitiva cura do filho querido, mesmo antes que acabasse, ouviu ao seu lado o pequeno Pereira dizendo-lhe que já via e conseguia distinguir até as riscas do cobertor que o cobria.

Sendo o seu pai alfaiate, o nosso biografado ajudava-o durante o dia e à noite estudava na escola comercial Mouzinho da Silveira, sendo aluno aplicado.

Quando andava pelos 15 anos de idade, teve uma primeira aproximação do espiritismo, através duma senhora com mediunidade, sua vizinha no Porto. Certa vez, pela vidência, ela descreve com pormenor correto, seus avós já desencarnados. Pereira sentiu-se tocado, porquanto reconhecia a impossibilidade de prévio conhecimento sobre tais características. Clareavam-se os horizontes sobre a realidade da vida imperecível.

Posteriormente, pela psicofonia dessa médium tem ainda oportunidade de escutar manifestações dos avós desencarnados. E, depois, com alguns amigos, nas suas casas, prosseguiu desta vez por intermédio da tiptologia.

Parte para Lourenço Marques (Moçambique) em 1961, onde por vários anos desenvolve um trabalho notável dentro do movimento espírita local.

Regressa definitivamente a Portugal em Novembro de 1975, quando conhece Manuel Terroso Martins, nos arredores da cidade do Porto, em Rio Tinto, na Rua da Ferraria.

Cresce uma amizade vivaz entre ambos e Pereira junta-se ao estudo do evangelho no lar, uma vez por semana, em casa do seu amigo.

Entretanto, em maio de 1976, visita o movimento espírita brasileiro, onde abraça o nosso Jô (Joaquim Alves, residente em São Paulo, Brasil) que lhe é guia inestimável; visitando Curitiba (Paraná) percebe que em Portugal há muito a fazer. Regressa e, com Terroso Martins, funda a Comunhão Espírita Cristã, em Rio Tinto.

Ao lado de Jô, esteve presente na inauguração da sala de serviço da Juventude Espírita Meimei".

Sabe quem foi José Francisco Cabrita?

JOSÉ FRANCISCO CABRITA foi um dos elos de ligação do Espiritismo nascido nos primórdios do séc. XX com aqueles outros que foram surgindo depois do 25 de Abril de 1974.

Diretor da revista 'Ecos do Além', de Lagoa, Silves, foi o principal promotor e organizador dos Congressos Espíritas Algarvios, que tão grande influência tiveram na difusão do Espiritismo no Algarve. (1)

Conforme declara o Dr. António Joaquim Freire no livro 'Evolução do Espiritismo', foi de uma ideia sua, que Joaquim Freire 'agarrou', que surgiu o 1.º Congresso Espírita Português, em 1925.

Ele foi, ainda, (também) um dos mais valorosos propulsores da União Espírita Algarvia, primeira em Portugal, e exemplo das que, depois, se foram criando.

A seu respeito, lemos em 'Estudos Psíquicos':

" (...) Com a sua morte perdeu-se um dos pouquíssimos elos de ligação que existiam ainda entre o Espiritismo de 1978 e o Espiritismo de Faure da Rosa e de um Coronel Passaláqua.

"José Francisco Cabrita foi um batalhador que nunca esmoreceu, mesmo quando ventos contrários pensaram abafar as vozes dos espíritas portugueses. Através de conferências, palestras e um nunca acabar de artigos dedicou toda a sua vida à propaganda dos

postulados Kardecistas. Na ‘Federação Espírita Portuguesa’, no ‘Centro Espiritualista Luz e Amor’, na ‘Fraternidade Esotérica Iniciática’, e no ‘Instituto Espiritualista Português’, trabalhou dirigindo grupos ou exercendo outras actividades. Dirigiu centenas de sessões chamadas doutrinárias, nas quais exteriorizava a sua faceta predominantemente mística. (...).

“Faure da Rosa, general Passaláqua, António Lobo Vilela, Isidoro Duarte Santos e agora Francisco Cabrita pouco a pouco vão desaparecendo do panorama espírita português, deixando vazios muito difíceis de preencher.” (2)

Desencarnou em 1978.

Referências:

(1) – MEP (Tentativa Histórica do Movimento Espírita Português), de VASCONCELOS, Manuela;

(2) - Revista Portuguesa ‘Estudos Psíquicos’, Julho de 1978.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Júlio Barata Feio (Feio)?

Júlio César Barata Feio nasceu em Pinhel e fez parte dos primeiros Corpos Sociais da Federação Espírita Portuguesa, sendo Presidente da Assembleia Geral, no mandato de 1926/1929.

Ignoramos quando se interessou pelo Espiritismo.

Oficial do exército colonialista, fez a maior parte da vida militar nas ex-colónias, em cujo exército serviu e onde atingiu o posto de General.

Possuía várias medalhas da Ordem de Aviz. (22).

Desencarnou em Barcelona em 7 de Abril de 1941.

Informações adaptadas de: VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Laurentino Simões?

Era delegado regional da revista «Fraternidade», dirigida por Eduardo Matos (Lisboa) no antes e pós-25 de Abril de 1974 e era talvez o polo principal de aglutinação dos interessados na doutrina espírita na cidade do Porto, onde residia, ainda antes de poderem dar curso ao direito associativo.

Lia-se em maio de 1979, no boletim informativo n.º 3 «Nós e a Criança», da Comissão Infanto-juvenil do Núcleo Espírita Cristão (N. E. C.), com sede na altura na Rua do Almada, n.º 30 - 1.º - Porto, Portugal, escrito pelos jovens deste grupo:

«No primeiro dia de julho de 1907, mais uma criança nascia, contactando uma vez mais a experiência física. O tempo passou acompanhado de várias primaveras. A criança desenvolvia-se no lar humilde a que fora chamada. Assim chegou a altura de frequentar a escola da época e receber uma cartilha evangélica.

Tornamos a encontrá-lo, mais tarde já depois, na organização do lar, no momento em que ao balcão do seu estabelecimento, fica a saber que uma cliente frequenta uma reunião espírita.

Estava iniciado o primeiro contacto.

Inabalavelmente, soube como sustentar-se, com o amparo de mais alto, e passou largos anos na frequência da prática do Espiritismo não organizado daquela altura.

Passados mais de 20 anos, contribui para o restabelecimento da saúde de um primeiro elemento do grupo que viria a instituir o Núcleo Espírita Cristão, na cidade do Porto. Outros foram chegando e colaborando. Outros partiam.

O grupo cresceu. Após a transformação política operada no nosso país, o Espiritismo tem oportunidade de se levantar como força organizada que deve ser.

Nasceu o N. E. C... e insofismavelmente por trás da obra, vislumbra-se o vulto respeitável do “pai” dos espíritas do Porto - Laurentino Soares Simões.»

Desencarnou na cidade do Porto, Portugal, em 1980.

Sabe quem foi Manoel (Manuel) Cavaco?

Manoel Francisco Cavaco foi um dos fundadores e diretores da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas (S. P. I. P.) e da sua Revista ALÉM, desde o primeiro número até ao seu desaparecimento.

Foi ele que apresentou ao Dr. António Joaquim Freire, da Federação Espírita Portuguesa (F.E.P.), o comerciante Firmino d'Assunção Teixeira, regressado do Brasil, que viria a doar à Federação e Centros Portugueses existentes o donativo, não só para a construção da

sede federativa como, ainda, para auxílio e manutenção das diversas Associações espíritas e da própria S. P. I. P.

Comerciante creditado na cidade do Porto, Manoel Cavaco foi um dos lutadores pela implantação da pureza doutrinária, levando para a «sua associação» nomes grados da sociedade portuguesa que a fariam brilhar e creditar-se com a idoneidade com que foi reconhecida.

Dos muitos artigos com que enriqueceu, não só a revista «Além», como a própria Revista da Federação de então, destacamos o seu apelo aos espíritas de então:

PROVEITOSO LABOR

“Não obstante a magistral representação portuguesa no Congresso Espírita Internacional, em Paris, no ano de mil e novecentos, feita e levada pessoalmente pelo Dr. Sousa Couto, e, algum tempo depois, o aparecimento, em público, da sua Revista: - Estudos Psíquicos, a qual durou cerca de quatro anos; não obstante o aparecimento, em Lisboa, quase na mesma ocasião, de um dos mais prodigiosos médiuns psicográficos: - Fernando de Lacerda – cujas maravilhosas produções psicográficas foram coligidas em vários volumes sob o título: - Do País de Luz; não obstante ainda as extraordinárias experiências do Dr. A. Martins Velho, proficientemente narradas e comentadas nas publicações que ele legou à posteridade; e, ainda, o aparecimento, aqui e além, pelo país, de vários grupos experimentais e outras publicações eventuais e periódicas, de curta duração, e o encontro, de quando em quando, de algumas casas mal assombradas e algumas pessoas obsedadas, exemplos vivos da fenomenologia espírita, o certo é que, quando se organizou a Federação Espírita Portuguesa, o Espiritismo, em Portugal, era ainda considerado ridículo, por muita gente.”

“Mas, desde então – há vinte e cinco anos – progrediu muito o conceito de que goza o Espiritismo, mormente entre as classes intelectuais, mercê da inteligente e sensata actuação dos fundadores da Federação Espírita Portuguesa, a qual conseguiu, num quarto de século, neutralizar a inércia da rotina, destruir a carapaça de certos preconceitos sectários que estorvavam a aceitação da ideologia Espírita; e conseguiu, também, consolidar a edificação do Espiritismo, em Portugal, representada por aquele organismo.”

“Aqueles que fundaram a Federação Espírita Portuguesa e lhe deram o melhor do seu esforço espiritual, até ao sacrifício da saúde e dos seus recursos económicos, renunciando a rendosas e pomposas situações nos palanques sociais, têm o cunho de verdadeiro apostolado; Honra e Glória para eles; porque, graças à sua abnegada devoção, o Espiritismo, entre nós, firme nas suas fundamentais características de redenção e amor verdadeiros, prossegue na sua edificante renovação das consciências que dão guarda à sua nobre ideologia.”

“Na existência de uma agremiação com a finalidade da Federação Espírita Portuguesa, o tempo decorrido mal chega para preparar a sementeira da sua ideologia; todavia, os seus frutos temporários já são sobejamente compensadores na consolação espiritual dos seus abnegados obreiros; mas é necessário dar a devida continuidade a obra tão fecunda, e para isso basta que os crentes lhe dêem o seu concurso e contributo de qualquer modo.”

“Espíritas! Ingressai todos na Federação Espírita Portuguesa; o pequeno auxílio de cada um dar-lhe-á a possibilidade de prosseguir, pelo tempo fora, e ampliar a sua missão em todas as modalidades da solidariedade, como sucede já, em larga escala, no Brasil.”

Referências:

REVISTA “ALÉM”, Julho de 1951.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi Maria O’Neill?

Maria da Conceição Infante de la Cierda Pereira de Eça Constante nasceu em Lisboa em 19 de novembro de 1873, conforme podemos ler na “Grande Enciclopédia Luso-Brasileira”, na página 459.

Foi Membro da Academia de Ciências de Portugal, prestigiada escritora, jornalista e eloquente oradora, ocupando com brilhante desempenho um dos primeiros lugares entre as mulheres intelectuais portuguesas da sua época.

Como escritora, estreou-se com o volume “O Morgado do Jornal”, logo seguido do livro “Ninhos”, obra dedicada às crianças e publicada em 1908, e prefaciados por José de Sousa Monteiro e Bulhão Pato. Escreveu mais “A Marquesa do Vale Negro”, “O Amor tudo consegue”, “Porta Direita”, “História Famosa”, “Proezas de um Valentão”, etc. (1)

“A certa altura, a Academia de Ciências premiou-lhe o talento de romancista e o engenho de poetisa, numa consagração extraordinária que abrangeu, no seu amplo significado, todas as mulheres de letras portuguesas.” (1)

“Escreveu artigos para os jornais, sobre o direito de voto para as mulheres portuguesas, que na altura não tinham grandes ideais de vida porque (por palavras suas) “a maioria das mulheres para que sejam as mães e educadoras que devem ser, precisam e devem ter a consideração e liberdade de pensamento e de ação a que tem direito todo o ser consciente”. Foi grande defensora dos direitos da mulher na sociedade portuguesa, tendo feito parte do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (conforme artigo de primeira página do jornal “O Combate”, n.º 259, de 1920, com o título “O Voto das Mulheres”.

“Inicialmente simpatizante da Teosofia, considerava-se discípula de Annie Bésant e madame Blavatsky. Maria O’Neill já era espírita convicta na altura do 1.º Congresso Espírita Português, conforme a revista “O Espírita”, de Junho/Julho Agosto de 1925”, (...) “tendo presidido à Mesa dos Trabalhos do Congresso, nos dias 15 e 16.” (2)

A partir daqui, colaborou como redatora da “Revista de Espiritismo”, da F.E.P., fazendo parte da Junta Consultiva dos Corpos Sociais da mesma Instituição, entre 1926/1929. (2)

“Convidada frequentemente a dar conferências em diversos pontos do país e estrangeiro, dava particular atenção aos espíritas do Alentejo e Algarve, surpreendendo a todos com a sua eloquência verbal e lucidez de raciocínio.

“(…) Em 27 de Agosto de 1929, Maria O’Neill, com mais quatro amigos, fundou o Grupo Espírita Perdão e Caridade, tendo colaborado ativamente para a fundação do atual Centro Espírita Perdão e Caridade, ocorrido em 1 de Janeiro de 1932, tendo sido eleita a 1.^a Presidente da Assembleia Geral para o triénio 1932/1934.” (2)

Em 1929, explica assim “Como chegou ao Espiritismo”: “Os fenómenos espíritas impressionaram-me e rodearam-me espontaneamente, desde a mais tenra idade, sem que quisesse dar-lhes atenção.

“Data de 1884 o primeiro de que me recordo. Tomei sempre nota deles como de casos estranhos. Alguns são interessantíssimos. O segundo deu-se em 1894, depois em 1896, 1902, 1905, 1910, 1914 e, de então para cá, cada vez com mais frequência.

“Absolutamente convicta das verdades espíritas não as desejava aprofundar. Educada na religião católica, apostólica, romana, por uma mãe piedosamente fanática, em tudo que tocava às suas crenças e por um frade dominicano, de grande santidade e invulgar inteligência, tinha ao Espiritismo e às Ciências Ocultas o horror que os meus guias humanos lhes manifestavam e me transmitiam.

“Logo que pensei livremente, a doutrina da minha igreja não me satisfez e a compreensão que dela tinham os homens que se propunham segui-la, ainda menos. Tão grande vi Cristo na minha alma como falseado e deturpado o seu verbo. Desiludida de tudo e de todos, a minha fé em Deus foi sempre inabalável.

“Numa crise de grande sofrimento moral, aí pouco mais ou menos entre 1918 e 1919, vieram-me à mão (...) livros de Teosofia. Li e compreendi. O eterno ponto de interrogação distanciou-se mais no meu horizonte. “Não há religião superior à Verdade” foi um lema que correspondeu plenamente às minhas aspirações. Em Setembro de 1924 imprevistas e curiosas circunstâncias levaram-me a frequentar, unicamente para estudo e investigação, várias sessões espíritas. Muito observei e melhor radiquei as minhas opiniões.

“A questão social, que tanto preocupou a minha mente na idade exuberante da existência, preparou-me talvez melhor, do que todos os estudos de gabinete o poderiam fazer, para bem compreender a vida pela vida. Sempre que uma ideia correspondeu às necessidades do meu espírito desejei vivê-la. Daí provém a íntima ligação que tenho com alguns desencarnados.

“O Espiritismo, para mim, não é uma escola filosófica, nem uma religião, nem uma ciência; é muito mais do que isso tudo: é a simples característica dum estado evolutivo que não pode limitar-se porque o homem progride sempre.

“Como não me deixo encerrar em sistemas fechados, o meu espírito procura a Verdade em tudo de que se aproxima e o meu pensamento sobe em liberdade até onde pode atingir.

“O Espiritismo é a base sólida e indestrutível em que apoio as minhas certezas experimentais e toda a minha fé”.(3)

António Castanheira de Moura, numa homenagem que lhe foi prestada na F.E.P., em 1951, recorda:

“(...) Ao deflagrar a Grande Guerra de 1914/1918, ainda e sempre no desejo de ser útil, tirou o curso de enfermeira e ofereceu-se para ir para o “front”, procurando, assim, exemplificar a fraternidade. Como, porém, era urgente o preenchimento dum lugar de enfermeira regente no sanatório da Guarda, imediatamente, e sem remuneração, foi ocupar, então, aquele lugar, onde deixou a maior saudade entre todos os que privaram com aquela alma gentil.

“Maria O’Neill, dotada de um espírito irrequieto e ansioso de espargir a luz do Espiritismo através da humanidade sequiosa de verdade, depois de, através do nosso país, do norte a sul, ter levado a efeito uma intensiva propaganda espiritista, sob o patrocínio da F.E.P., embarcou para o Brasil, onde, através da sua palavra fluente, soube ser a embaixatriz da intelectualidade portuguesa, atuação esta que mereceu de Campos Ribeiro as seguintes considerações: “... a sua palavra é um símbolo de cultura, de pensamento e de acção na vasta literatura portuguesa; nome venerável de Mestra a Senhora O’Neill não é somente a escritora brilhante, a poetisa de delicadíssimas emoções, a romancista de agudo tino psicológico. Não, esse verbo é cantado e claro, cristalino como a água das cacimbas indígenas, e, nesta hora, mais ainda: é a propugnadora e potente força de coesão que aproxima todas as almas pela excelsa e magnificente cadeia de ouro do Espiritismo.”(4)

HONROSO ENCARGO

Onde missão mais nobre e levantada
Do que derramar luz em quanto existe?
Por que te sentes, alma, atribulada
E porque, sem razão, te mostras triste?

Acaso não vês tu como a Alvorada
A pouco e pouco sobre a Terra insiste
E a tem inteiramente dissipada,
Em todo o céu, antes que o sol se aviste?

Assim, antes que chegue o Redentor,
Com luz, que é Sua, quem lhe tem amor
O caminho procura desbravar...

E, nesta vida, é já feliz o ser

Que põe nesta só frase o seu dever:

- Vai falar do teu Deus e fá-lo amar!

Referências:

- 1 – REVISTA DE METAPSIKOLOGIA, da F.E.P., nº. 5/1951;
- 2 – Revista IDEAL CRISTÃO, vol. I
- 3 – REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Julho/Agosto de 1929;
- 4 – REVISTA DE METAPSIKOLOGIA da F.E.P., Abril de 1951;
- 5 – REVISTA DE METAPSIKOLOGIA da F.E.P., Junho de 1951;
- 6 – ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA, pág. 459, da Biblioteca Nacional;
- 7 – REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Março/Abril de 1932;
- 8 – Revista ALÉM, da S.P.I.P., de Janeiro de 1932.

VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Mais informação:

<https://livrariafep.pt/.../paginas-do-passado-ix-maria.../>

Sabe quem foi Maria Veleda?

Maria Veleda nasceu em 1871. Professora, escritora, republicana, livre-pensadora, espírita... conforme opinião de alguns seus conhecidos, ela terá tido por madrinha a sacerdotisa Veleda, “druidesa e profetisa da Germânia, nos tempos de Vespasiano. Liderou, junto com Civilis, a sublevação de parte da Gália do Norte, e morreu cativa em Roma” (1) – opinião esta formada em função da maneira como Maria Veleda sempre se movimentou para conseguir aquilo que achou justo, correto e devido à Mulher.

Recordando a poetisa que também foi, transcrevemos aqui dois sonetos seus, ambos publicados em revistas espíritas:

PELO ASTRAL

Há na minha alma fontes de alegria;
Aves que cantam; flores irisadas;
Sóis multicores, brancas madrugada;
Clarões de festa; jogo de harmonia.

Minha alma – a visionária de algum dia –
Embala um lindo sonho; e, deslumbrada,
Vai subindo, radiosa e fascinada
Pela voz que, do Astral, a chama e guia.

Sobe, minha alma, - pura, altiva e forte!
A Vida está no Além! Foge da Morte,
Corta a amplitude azul dos infinitos Céus:

Não... não acordes mais, minha alma linda!
Para lá das estrelas sobe ainda...
Chama-te a voz do Astral! Chama-te Deus! (4)

FILHO PRÓDIGO

Exausto, esfarrapado, miserando,
Tendo a vida arrastado pela orgia,
Volta ao lar paterno quem lhe fugia,
Suas culpas, seus crimes expiando.

Logo sai o Pai, de ventura transbordando,
Ordena ágapes, festas, alegria!
E o outro filho, que o bem sempre cumpria,
O Pai increpa, a si se lamentando:

- Pois a mim, que fui sempre modelar,
Nunca um anho tiveste p"ra me dar,
E a esse louco o acolheis com tal "splendor?!

-É que este – diz o Pai – andou perdido;
Mas volta sofredor, arrependido,
Renasce para a Luz e para o Amor! (5)

Antes de descobrir o Espiritismo, Maria Veleda tinha começado por ser figura pública, movimentando-se no meio da política, como a ela se refere Natividade Monteiro, professora de História no Instituto Militar dos Pupilos do Exército, e Investigadora do Projeto "Biografias de Mulheres. Séc. XX", que escreveu a seu respeito: "Maria Veleda foi uma mulher pioneira na luta pela educação das crianças e os direitos das mulheres e na propaganda dos ideais republicanos, destacando-se como uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português.

"Tendo-se estreado na imprensa algarvia e alentejana com a publicação de poesia, contos e novelas, dedicou-se depois aos temas feministas e educativos. Na linha da escola moderna de Francisco Ferrer, defendia a educação laica e integral, em que se aliassem a teoria e a prática, a liberdade, a criatividade, o espírito crítico e os valores éticos e cívicos. Num tempo em que a literatura infantil quase não existia em Portugal, publicou, em 1902, uma coleção de contos para crianças, intitulada "Cor-de-rosa" e o opúsculo "Emancipação Feminina".

"Atraída pelos caminhos da espiritualidade e preocupada com o sentido da existência humana, aderiu ao espiritismo filosófico, científico e experimental. Fundou o Grupo Espiritualista Luz e Amor e, em 1925, dinamizou a organização do I Congresso Espírita Português e participou na criação da Federação Espírita Portuguesa. Fundou as Revistas "A Asa", "O Futuro" e "A Vanguarda Espírita", e colaborou na imprensa espiritualista de todo o País, publicando poesia e artigos de pendor reflexivo e memorialista. Em 1950, publicou as "Memórias de Maria Veleda" no Jornal "A República".

" Maria Veleda dedicou a vida aos ideais de justiça, liberdade, igualdade e democracia e empenhou-se na construção de uma sociedade melhor, onde todos pudessem ser felizes. Semeou ideias, iniciou processos de mudança nas práticas sociais e lançou o debate sobre os lugares, os papéis e os poderes de mulheres e homens num mundo novo." (3)

Falando de si própria, escreveu:

“ (...) Lembro-me perfeitamente de que, sendo muito pequenina e não tendo jamais presenciado actos religiosos, me ajoelhava em determinado sítio da minha casa, sempre o mesmo, e ali me demorava pensando não sei o quê...

“ Inclinada à meditação e à contemplação, esquecia o tempo, observando um formigueiro, o revoltear de uma folha...

“ Contava cinco anos, apenas, quando me foi dado observar certo fenómeno... Chamolhe agora assim: mas, nesse tempo, afigurou-se-me o caso absolutamente natural. Eu dormia com minha avó no mesmo quarto, que era forrado de papel com fundo cor-de-pérola, riscado de azul; entre as riscas, estreitinhas, corriam arabescos da mesma tonalidade. Naquela noite, como não dormisse (tendo sido, desde a infância, até agora, muito atreita a longas insónias), notei que as paredes se tornavam luminosas e translúcidas, oferecendo um aspecto verdadeiramente feérico. Durou alguns minutos o estranho espectáculo, e depois desapareceu; mas em noites seguintes, - muitas, mesmo muitas, - repetiu-se o fenómeno que tanto me encantava.

“ Passaram-se bastantes anos. Frequentei a Igreja, rotineiramente, e pratiquei a religião católica, a princípio, também obedecendo ao mesmo espírito de rotina. No fundo da minha alma, porém, havia como que a sede insatisfeita de qualquer coisa mais alta, mais vivida. E, por fim, um misticismo ardente, apaixonado, me empolgou. Gostava de esconder-me em determinada capela, na Sé da minha terra, e ali orar, em arroubos e transportes de fé. Era de N. S^a. de Lourdes a imagem que inspirava as minhas fervorosas súplicas.

“ Publiquei por esse tempo, num hebdomadário (publicação semanal) da província, uma prece que certo diário católico da capital transcreveu. Também publiquei “A Voz do Sacrário”, meditação, que poderia reproduzir agora em qualquer jornal espírita, - tanto o que eu sinto e penso se assemelha, sob o ponto de vista fundamentalmente religioso, ao que pensava e sentia então.

“ Eu ignorava por completo tudo quanto se relacionasse com o mundo dos espíritos, e até a palavra “Espiritismo” me era absolutamente desconhecida.

“ As minhas tendências para o isolamento e para a vida contemplativa faziam com que me refugiasse muitas vezes, e durante muitos dias, num monte de que a minha mãe era proprietária, afastado cinco quilómetros da cidade. Ao lado da parte da casa reservada para os caseiros, ficava a outra parte que nós ocupávamos, ou – por outra – que eu ocupava, porque quase sempre ali estava sozinha.

“ Os caseiros recolhiam-se cedo; eu fazia o mesmo. Ora, uma noite, em plena escuridão, - tanto no interior como no exterior -, estando eu deitada, e com os olhos abertos (não tinha adormecido ainda) notei que, por debaixo da porta, se introduzia um pálido clarão. Este clarão deslizou pelo pavimento, com bastante rapidez, subiu à minha cama e acabou por se me fixar na palma da mão esquerda, que poisava sobre o travesseiro. Ouvi o meu nome pronunciado com infinita suavidade; ao mesmo tempo, espalhou-se em meu derredor um perfume especial, que não era meu e que nunca usei. Sobressaltei-me, confesso, e acendi o candeeiro, que só apaguei quando os primeiros trilos da passarada entre o arvoredo me anunciaram o romper da manhã. Passei todo o dia apreensiva, temendo e ao mesmo tempo desejando que o caso se repetisse. Teria eu sonhado acordada?

“ Este fenómeno, que fez parte integrante da minha vida durante oito anos, tornou-se-me tão familiar que já estranhava, quando se passavam muitas noites sem que ele se produzisse, não sabendo, contudo, a que causa devesse atribuí-lo.

“ Repito: - eu ignorava tudo quanto pudesse relacionar-se com Espiritismo. Conhecia, sim, várias historietas de “almas do outro mundo”.

“ Não contara nada a ninguém: os anos tinham-se sucedido; eu mudara de terra por várias vezes; e o fenómeno seguira-me a toda a parte.

“ Por fim, resolvi fazer confidências a uma pessoa amiga (...) e cujo nome é bem conhecido e admirado no nosso meio literário. Nunca praticou nem estudou o Espiritismo ... mas tendo feito leituras concernentes, sugeriu que o meu caso poderia muito bem filiar-se nas ciências psíquicas, e que seria interessante estudá-lo.

“ Entretanto, a minha vida tinha-se tornado tão antagónica ao que fora, e de tal maneira eu me embrenhara noutros assuntos, que me desinteressei do estudo aconselhado embora as manifestações não houvessem cessado por completo.

“ Muito antes, a minha religiosidade católica tinha afrouxado e desaparecido, mercê de circunstâncias várias, sendo substituída por outras crenças mais de harmonia com o meu sonho de uma humanidade melhor, uma sociedade diferente; mas, apesar de tudo, sentia como que um vácuo dentro da minha alma...

“ Foi quando (contaria eu uns trinta e cinco anos, aproximadamente), me ofereceram “Uranie”, de Flammarion. Que deslumbramento!... A poesia da ideia, a beleza da forma, e, sobretudo, a relação existente entre o pensamento que inspirara aquele livro e as vagas, indecisas aspirações que me escapavam, apenas tentava apreendê-las, dominaram-me inteiramente.

“ Haveria, realmente, outro mundo superior, onde as almas se aperfeiçoassem, onde o amor, na sua divina expressão, fosse mais do que uma radiosa utopia? Mas eu não conhecia ninguém com quem pudesse estudar o singular problema; e a minha vida continuava sendo a mesma faina de todos os dias: - trabalhar, trabalhar!

“ Uma vez (...) deparou-se-me uma senhora do meu antigo convívio e que deixara de ver há bastante tempo. (...) E diz-me ela, a despedir-se: - “Vou-me embora já, porque sou esperada numa reunião espírita”. Caí das nuvens!... (...) Indicou-me uma rua, um número, um andar; e na noite e hora aprazadas, eu batia discretamente à porta, tendo observado, como sempre usei, estrita pontualidade.

“ (...) A sessão começou.

“ Em determinada altura, o médium (...) declarou que a última “irmã” que havia entrado, tinha uma missão especial a cumprir no Espiritismo, e espraiou-se em considerações diversas.

“ (...) Na mesma noite conheci o General Viriato Zeferino Passaláqua, o qual, paternalmente, se ofereceu para me dirigir no mundo novo em que eu vinha de penetrar. A ele devi a explicação dos fenómenos que presenciara e que mais tarde estudámos juntos. Se eles não se tivessem produzido, fornecendo-me provas irrefutáveis, sobre a existência

da vida exclusivamente espiritual; se o bom general Passaláqua não tivesse posto à minha disposição a sua excelente biblioteca, orientando e metodizando as minhas leituras, eu não seria hoje a espírita consciente que me prezo de ser.

“A “missão” que me foi anunciada, tenho-a cumprido, dentro das minhas possibilidades. “Quem dá o que tem...”

“(…) quando me tornei espírita, foi quando percebi que o tinha sido sempre, sem dar por tal!...” (2)

Maria Veleda desencarnou em 1955, com 84 anos.

Referências:

- 1 – Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse das Seleções, 2.º volume, página 1635;
- 2 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, Junho de 1945, artigo “Como me tornei Espírita”;
- 3 – Página Web da Internet, em 2005, sob o tema “Associação de Professores de História: História e Universos Femininos; artigo de Natividade Monteiro;
- 4 – Revista Portuguesa MENSAGEIRO ESPIRITA, da F.E.P., 1937;
- 5 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSÍQUICOS, Abril de 1945.

Mais - https://livrariafep.pt/?s=veleda&post_type=product

Sabe quem foi Pedro Sousa?

PEDRO CARREIRA DIAS DE SOUSA começou nos tempos “áureos do primeiro Congresso Espírita Português, que reuniu em Lisboa um grupo de abnegados a que pertencia o Dr. Martins Velho, engenheiro Sarreia do Prado, General Viriato de Passaláqua, General Barata Feyo, Conselheiro Dr. José da Silva, Dr. António Freire, Zagalo Fernandes, Prof. Dr. Adolfo Sena, etc., notáveis adeptos constitutivos de um núcleo de entusiastas a quem se ficaria devendo a Federação Espírita Portuguesa.

Dedicado amigo e discípulo de Maria O’ Neill, secundando-a na sua ausência, nas tarefas mediúnicas, foi distinguido como sócio honorário nº 160 do Centro Espírita Perdão e Caridade, fundado por aquela ela.

“Cheio de mocidade e senhor de um verbo fácil e elegante, cedo se tornou notado e lhe confiaram cargos de responsabilidade em trabalhos práticos e nos próprios órgãos jornalísticos, onde desempenhou papel importante.

“A construção da sede (da F.E.P.), na Rua da Palma, levantou problemas económicos de certa acuidade e alguns associados afastaram-se por discordar da orientação dos

dirigentes, motivo que os levou a agrupar-se no antigo Centro Espiritualista Luz e Amor. Pedro Carreira de Sousa foi um deles e durante alguns anos dedicou à nova colectividade o saber de que era dotado, eufórico de ideias e diligente na sua aplicação.” (1)

Veio a afastar-se, a partir de determinada altura, por divergências de opinião com os dirigentes em exercício, mas dando sempre a sua colaboração às revistas ‘Estudos Psíquicos’ e ‘Medicina Natural’.

Como jornalista, colaborou nas revistas ‘Ideal Cristão’, que dirigiu de 1934 a 1936, melhorando-a, enriquecendo-a, tornando-a verdadeiro alfofre da doutrina; ‘Mensageiro Espírita’, e ‘Revista de Metapsicologia’, ambas da Federação. Na última, aproveitou as suas páginas, que enriqueceu com a resposta ao livro “O Mundo Invisível”, do cardeal Lépiciér. (1)

A legenda de Marden ‘Sê perfeito em tudo o que fizeres’, terá sido o seu lema – ele que procurou sempre mostrar a perfeição em tudo o que realizava, fosse em actos ou por palavras orais ou escritas, todos apreciando o desassombro com que encarava as questões espíritas não enjeitando os actos próprios para beneficiar do juízo alheio. (1)

Desencarnou em 11 de Julho de 1971.

Referências:

1 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, Setembro de 1971.

2 – REVISTA DE ESPIRITISMO da F.E.P., Setembro/Outubro/1928.

Mais - VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português.

Sabe quem foi o Dr. Sousa Couto?

José Alberto de Sousa Couto foi advogado, orador e escritor.

Nasceu em 16 de março de 1855 na freguesia de Santa Maria de Sandim, próximo da cidade do Porto, em Portugal.

Na Universidade de Coimbra obtém a licenciatura em Direito em 1881, exercendo advocacia.

Assíduo nas reuniões espíritas que se realizavam em casa de um amigo e colega de profissão, que vivia em Paris, reportam-se a 1898 os primeiros passos dados por ele no movimento espírita em Portugal. Por diversas vezes frequentou também o Centro Espírita Luz e Caridade, de Braga.

Em 1900 representa Portugal no Congresso Internacional Espírita, realizado em Paris, passando a partir daí a corresponder-se com diversos espíritas na Grã-Bretanha e na França, entre os quais o coronel Albert de Rochas.

Em 1905 funda e financia a revista "Estudos Psíquicos" (1.ª fase da vida deste título), mantendo-a até 1909. A dada altura teve de a encerrar face a uma grave doença que o acometeu depois da desencarnação do seu filhinho.

Sousa Couto conhece Fernando de Lacerda e debruça-se sobre a sua mediunidade num estudo que o médium publica no prólogo do 1.º volume da obra "Do Paiz da Luz".

Sobre Sousa Couto, escreveu-se na revista "Além", órgão da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, do Porto: "O Dr. Sousa Couto, desvelado investigador dos factos espíritas, profundamente convencido da realidade, da origem e fiabilidade de tais factos, teve a coragem – que se pode reputar heroica nos tempos em que ele agiu – de colocar a luzerna de modo que fosse vista por todos aqueles que tinham, e os que têm os olhos de ver."

Mais: Páginas do Passado vol. I – José Sousa Couto

<https://livrariafep.pt/produto/paginas-do-passado/>

VASCONCELOS, Manuela. Grandes Vultos do Movimento Espírita Português

Sabe quem foi Viriato Passaláqua?

O general VIRIATO ZEFERINO PASSALÁGUA foi, no dizer do Dr. António J. Freire, "o mais profundo e erudito exegeta do Velho e Novo Testamento". (1)

O director da "Revista de Espiritismo" da Federação Espírita Portuguesa (FEP) refere-o como "um dos mais valorosos defensores dos Evangelhos – em espírito e verdade – e um dos mais cultos exegetas do nosso País. (2)

Fazendo parte da subcomissão pró-Federação, criada para a realização do 1º Congresso Espírita Português (Lisboa, 1925), o general Passaláqua nele colaborou com a apresentação de duas teses: a primeira, "Espiritualismo e Espiritismo", baseada no tema Moral e Filosofia, e a segunda "Loucura espírita", ou seja, a obsessão, inserida no tema ciência. (3)

No apoio que deu sempre em quem visse interesse pela Doutrina Espírita, encontramos o seu nome no histórico do Dr. Gilberto Marques, como no de Maria Veleada. Pelo caminho, quantos mais ele ajudou e orientou nas lides espíritas.

Em Novembro de 1943 foi-lhe prestada uma homenagem no Centro Espiritualista Luz e Amor, de Lisboa, com descerramento de uma fotografia.

Dessa homenagem, transcrevemos algumas das palavras de Maria Veleda, que lhe foram dedicadas: “Prestar homenagem à memória de Alguém que se devotou pela Causa, cujo desenvolvimento e propaganda nos interessa, representa um dever de solidariedade e gratidão. O General Viriato Zeferino Passaláqua é um daqueles que o bom e consciente espírita não deverá esquecer.

“(…). Como polemista, a sua ação tornou-se preciosa. Sem recorrer a extremos de linguagem daqueles que brigam tanto com a pureza dos sentimentos, como com as exigências da boa educação, o General Passaláqua encontrava sempre o argumento irrespondível que reduzia a silêncio os seus adversários.

“Havia uma faceta do seu carácter que se tornou pouco conhecida no meio espírita, onde, geralmente, só se presta atenção aos fenómenos que se prendem com a própria evolução. Era o seu interesse pela Mulher-Mãe, pela mulher cujo maior título de glória consiste em saber substituir o pai junto dos seus filhos. O feminismo do Pai General era feito de um respeito, de uma consideração, de uma adoração pela causa da Mulher, que muitos não saberiam compreender, por deficiência de sentimento e de educação.

“Foi no Congresso Espírita que a sua inteligência e o seu espírito de sacrifício se evidenciaram pela última vez. (...)”. (4)

Noticiando a sua desencarnação, o articulista da revista espírita "Luz e Caridade", de Braga, afirma: “O seu lugar nas hostes espíritas fica vago, porque não há ninguém que possa substituí-lo. Batalhador incansável, homem de uma só têmpera, forte na sua crença, iluminado pelo fulgor da sua fé, ele foi um dos mais ardorosos propagandistas da religião de Jesus – do cristianismo primitivo. Em toda a sua pureza, em toda a sua grandiosidade,

“Combateu livremente, como poucos livres-pensadores o terão feito – ele que era um interpretador e um estudioso dos Evangelhos – os erros da cúria romana, o que lhe valeu, por vezes, ataques cerrados da parte de elementos clericais.” (5)

Colaborador assíduo das revistas "Luz e Caridade", de "O Mensageiro Espírita", e "Estudos Psíquicos", os seus artigos ultrapassaram o tempo e encontram-se hoje tão atuais como então.

Desencarnou em 14 de Março de 1926, com 90 anos.

Referências:

- 1– António J. Freire, Dr., in “Da Evolução do Espiritismo – Depoimentos e Controvérsias”, edição F.E.P. 1952;
- 2 – Revista de Espiritismo da F.E.P., Março/Abril de 1927;
- 3 – Revista portuguesa ‘O Espírita’, propriedade do Grupo Espírita ‘Luz e Caridade’, do Barreiro, Janeiro/Fevereiro/Março de 1925;
- 4 – Revista Portuguesa ESTUDOS PSIQUICOS, de Janeiro de 1944;
- 5 – Revista espírita portuguesa LUZ E CARIDADE, do Centro Espírita do mesmo nome, de Braga.

Mais - <https://livrariafep.pt/.../paginas-do-passado-vol-vi.../>